

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87

# BLUMENAU

## EM

# CADERNOS

TOMO XXX

SETEMBRO DE 1989

Nº. 9

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

SETEMBRO DE 1989

Nº. 9

## SUMÁRIO

Página

O tão querido e sempre novo capítulo do casamento: .....	256
Subsídios Históricos .....	263
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos .....	264
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no Sul do Brasil .....	266
Um exemplo de tenacidade imbatível .....	269
Ocorrências ligadas com a construção em 1914, da Usina de Electricidade de Salto Weissbach .....	271
Camburiú e não Camboriú .....	273
Autores Catarinenses .....	275
A ação social do Sindicato de Fiação e Tecelagem de Blumenau, de 1941 a 1950 .....	278
Aconteceu... — Agosto de 1989 .....	283

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 5,00 + 1,00 (porte) = NCz\$ 6,00

Número avulso NCz\$ 0,50 — Atrasado NCz\$ 1,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 10,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 15,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

# Ó tão querido e sempre novo capítulo do casamento:

Notas para a constituição de família na correspondência de um imigrante.

Maria do C. R. Krieger Goulart

Trabalho de Especialização apresentado ao Curso de Especialização em Antropologia Social do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, em 1988.

UNIDADE:

FAMÍLIA E SOCIEDADE

PROFESSORA:

Rosângela Digiovanni

## Introdução

Há fenômenos que ocorrem no contexto urbano, os quais são pesquisados e estudados pela Antropologia, pois constituem-se em processos que muitas das vezes, colocam populações de origem rural frente-a-frente com o mundo urbano.

Questões como as transformações de seus meios de vida e padrões de comportamento enfrentados pelo homem do campo que tenta se incorporar à cidade e mesmo a aprendizagem em outros termos, seja no plano do social ou do simbólico, levam os estudiosos a pensarem o assunto sob diversas formas de análise. A incorporação do homem do campo na vida da cidade fornece

expectativas variáveis para análise deste mesmo ajustamento. Entre os quais se encontram:

"(...) a área de origem, a motivação para migrar, as expectativas em relação ao meio urbano, as oportunidades de trabalho oferecidas pela cidade de destino, o tempo de exposição à vida urbana, os mecanismos e instituições que ajudam no processo de ajustamento, o aspecto ou a área de envolvimento social que está sendo aprofundado pelo pesquisador, etc." 1

OLIVEN ainda assinala que a "motivação para migrar e as expectativas em relação à cidade são variáveis que geralmente se apresentam associadas" (OLIVEN: 1985) e se sustenta em DURHAM para quem, considerando o trabalhador rural, "a migração se apresenta como uma tentativa de melhorar de vida" (in OLIVEN: 1985).

Neste sentido, e voltando-nos às dificuldades que os migrantes enfrentam no meio urbano, tentaremos reconstituir o in-

verso, isto é, uma parte pequena do universo de um imigrante alemão o qual, saído de uma Alemanha com algum progresso, se dirigiu ao interior do verde vale do Itajai, em Santa Catarina, em terras colonizadas pelo patricio dr. Blumenau.

Há que se considerar o aspecto discutível de tal comportamento e comparação, porém também consideramos como argumento válido, entre outros, o de ocorrer, no caso, atividades equivalentes e formas de sociabilidade que se completam na questão da sobrevivência. Sobretudo no que diz respeito à formação de uma família.

### Breve histórico da Colônia

Por volta de 1844 Hermann Blumenau, em contacto com o Cônsul Geral do Brasil em Londres, toma conhecimento das nossas riquezas naturias, da fertilidade e imensidão das terras brasileiras — aptas para nelas se desenvolver um projeto de colonização.

Quando aqui chega, em 1847, tem o pensamento de fundar uma colônia planejada por ele mesmo, o que o leva à sociedade com Fernando Hackradt, com quem deu início à colonização, comprando terras em 1848. Escolheram as situadas acima da foz do confluente Velha, nas duas margens do Rio Itajai-Açu e na foz e vale do Itajai-Mirim.

Desenvolvendo, na Alemanha, uma intensa atividade de propaganda tendo em vista a colonização, o dr. Blumenau retornou ao Brasil em março de 1850 — cer-

to de que em breve chegariam colonos para o seu empreendimento. O quê, de fato, aconteceu: a 2 de setembro do mesmo ano desembarcavam 17 imigrantes, dos quais três eram casados e vinham com mulher e filhos, totalizando 8 pessoas. Os outros 9 eram solteiros.

Fechados em seu meio, os colonos alemães conservaram a cultura de origem. Esse isolamento era devido à dificuldade que encontravam para manter contacto com outros centros coloniais: "(...) isolados e imobilizados em vilas puramente alemães, não podiam deixar de perpetuar a cultura alemã, enquanto permanecessem naquele "habitat" em que não existiam lusobrasileiros". (LAMBERT: 1967)

Atualmente, os descendentes de alemães perpetuam tradições numa maneira de manter viva a herança cultural de seu povo.

Blumenau é uma comunidade que atesta descendência de "papel passado" e tudo: é só comprovar nas características que perpassam sua história.

A Prefeitura Municipal mantém a Fundação "Casa Dr. Blumenau" — uma instituição cultural que gerencia, entre outros, o Arquivo Histórico e o Museu da Família Colonial. É no Arquivo que encontram-se correspondências dos imigrantes, entre as quais a de JULIUS BAUMGARTEN. Apresentada no Boletim Cultural "Blumenau em Cadernos", com tradução de Edith Sophia Eimer, foi nas cartas de JULIUS que nos baseamos para o presente trabalho.

## Imigração, trabalho e família

O ajustamento do imigrante ao meio rural, pode-se discutir, é completamente diferente do ajustamento do migrante de origem rural ao meio urbano, considerando como aspecto fundamental o fato que, enquanto o imigrante ao chegar precisava derrubar a mata para construir sua choupana, roçar o terreno para dar início à plantação, o migrante, em algumas vezes, encontra um terreno pronto, no sentido de encarar um emprego que se visualizava “como uma segurança e independência, inexistente no campo” ou mesmo um acesso a bens e serviços que simbolizam uma ascensão social.

A motivação para imigrar e as esperanças que traziam no sentido de, aqui trabalhando (trabalho nas colônias), fizerem fortuna para voltarem à Alemanha com algum patrimônio, são expectativas que aparecem associadas aos motivos pelos quais os migrantes saem do campo em busca de uma vida melhor na cidade.

Do mesmo modo, o acesso a benefícios e o direito à tranquilidade estão presentes em ambos os discursos. Eles indicam a preocupação na obtenção de vantagens que esta vida num lugar novo, pode motivar. Afinal, não foi para isto ou por isto que eles mudaram? Vejamos:

“Veja bem, até agora levei uma vida horrível, pior do que poderia levar na Alemanha, mas mesmo assim estou satisfeito. Não posso reclamar de nada pois

sou recompensado pelo sentimento de liberdade que me dá a terra que chamo minha. Quando olho pra minhas plantações, meu coração se enche de alegria e me sinto livre, pois tudo adquiri por trabalho e economia”. (carta à sua irmã Emilia, s/d).

O que a Antropologia mostra, assinala DURHAM, é que “entre todas as ciências sociais, é a única que está voltada diretamente para a análise das diferenças, das formas alternativas de organização da sociedade (...)”. Assim, se o problema é determinar como um grupo de imigrantes constitui uma unidade doméstica e residencial, e como combinaram casamento, residência e vida doméstica, vamos ver, também em DURHAM, tais aspectos “privilegiando arranjos diversos dos nossos” (DURHAM: 1983). Até mesmo a divisão sexual do trabalho é questão, um pouco embutida, num trecho de carta quando BAUMGARTEN escreve:

“Alguns dias atrás recebemos a visita de dois senhores amigos (...). Como tema de palestra foi escolhido o **tão querido e sempre novo capítulo do casamento** (grifo nosso). Discutimos um pouco, foram feitos calorosos discursos que fariam inveja aos maiores oradores. Salientien foi o mais fervoroso entre eles. Com o retrato de vocês na mão procurou definir vocês duas colocando no mais alto lugar a você Marie. Disse que via em você uma pessoa autoritária, bem como devia ser uma dona-de-casa aqui”. (carta à sua irmã Emilia, s/d).

É aqui que realmente queremos chegar: o tratamento da questão de constituição da unidade doméstica, enquanto combinado com o casamento, através a correspondência de um imigrante solteiro, o qual valorizava a participação formal de uma mulher em sua propriedade, visto que por um tempo ele (BAUMGARTEN) precisou trabalhar somente com homens, por causa das dificuldades de encontrar mão-de-obra feminina. O meio natural para tanto era obter através do casamento, mas de preferência, para tais estrangeiros, com gente de sua própria pátria, como enfatiza o próprio imigrante:

“Agora uma palavra a respeito das belezas locais. As brasileiras em sua maioria são bem bonitas, tem lindos olhos castanhos e traços fisionômicos e dedicados. Se fossem vestidas com seus trajes e fossem um pouco mais vaidosas, poderiam ser consideradas belas mulheres, mas são sem excessão, desleixadas, pouco importam-se com a aparência pessoal e se vestem muito mal. Eu nunca me apaixonaria por uma brasileira\*, pois como dona-de-casa são péssimas. Se não tivessem sempre a seu lado o serviço de escravos e escravas, estariam totalmente perdidas.

As mais ricas passam o tempo todo bordando e tecendo, sendo exímias bordadeiras e tecelãs, mas também dependem dos escravos”. (carta às suas irmãs Marie e Emilie, 10.09.1853)

Neste último trecho, considerando que a divisão sexual do

trabalho varia de uma cultura para outra e, conforme DURHAM “atividades mais específicas como trançar, tecer, fabricar cerâmica, plantar hortas, podem ser definidas numa sociedade como tarefas femininas, em outra como masculinas e, numa terceira como indiferentes (...)”, vamos ver que para o imigrante BAUMGARTEN isto estava ancorado na necessidade da presença feminina como forma de impulso animador para a produção doméstica e formação de família. Assim, o casamento tomava forma como momento importante na unidade de reprodução e sobretudo organização de produção. É a complementaridade econômica que entra em questão, construída a partir do próprio sistema de casamento que o imigrante, solitário e a milhas de distância de sua terra natal, sente necessidade de assumir:

“A notícia de meu noivado você já deve ter recebido, desta vez posso comunicar-lhe o meu casamento. Eu só fui noivo por 6 semanas. Queria ficar noivo pelo menos por um ano, mas certas circunstâncias forçaram-me a casar logo. O primeiro motivo foi que o pastor evangélico, pastor Hóltzer, de Dona Francisca, encontrava-se em Blumenau; foi o primeiro religioso de nossa crença que veio ao Vale do Itajaí (...) Em segundo lugar, foi que eu perdia muito tempo com as visitas que fazia a ela e em terceiro, os pais dela tinham muito trabalho em sua propriedade; com chuvas ou sem chuvas ela tinha que trabalhar muito. (...) Ao mesmo tempo queria que ela se aperfei-

\* mas acabou casando com uma, como veremos.

çoasse na costura, tricô e crochê e em casa ela não teria oportunidade para isto. Segunda-feira, dia 19 de março foi o casamento e dia 22 fomos para nossa casa, onde fomos festivamente recebidos. Desde então vivo com minha Gretchen aqui e vivo feliz e tranquilo. O casamento foi uma cerimônia triste para mim pois estava longe do querido pai, da minha mãe e irmãos. É realmente um dia significativo para a vida toda. É um dia no qual nos desligamos da mocidade e passamos a pensar seriamente no dia de amanhã e também por uma pessoa a mais. Assim, querido pai alegre-se comigo porque uma vida melhor começou para mim". (carta de BAUMGARTEN a seu pai, 34.03.1855)

Não surpreende, portanto, que a valorização da participação feminina no universo da constituição familiar de um imigrante solteiro ocupe expectativas variáveis, porém que se apresentam associadas. Consideremos, por exemplo:

"(...) É verdade, como em um ano tudo mudou, cada dia traz novas lembranças. Hoje os dias são um como o outro, só raramente ocorre uma mudança e só o domingo pode interromper a monotonia da vida diária. Por aqui poucas vezes se perde uma pessoa, nenhuma mocinha, além dos irmãos Kellner dificilmente outro jovem. Vivo aqui bem sozinho com dois empregados no

meu belo Lichten-BRUG; Mas eu ficaria contente se fosse surpreendido por uma das belezas da Alemanha, tão minhas conhecidas. Antigamente as via frequentemente, mas hoje não vejo uma dama". (carta às suas irmãs, .. 10.09.1853).

Neste sentido, embora não haja pesquisa que mostre como a rigidez e a monotonia do trabalho no mato atuavam no imigrante, é de se supor que, de alguma forma, isto fosse encarado de maneira positiva, pois que, a vinda para a Colônia Blumenau — especificamente —, não foi enganosa: houve honestidade por parte do colonizador, ao contrário do que aconteceu com outras Colônias. Assim quando um trecho de carta relata sobre:

"Bem minhas queridas, eram outros os tempos, nos quais o corpo vivia numa euforia mas o espírito sofria. Em sua tranquilidade roia um verme, que agora foi afugentado. A calma faltava, pelas péssimas perspectivas para um futuro. Assim eu agora estou satisfeito com tal situação. Mesmo que a vida, às vezes, apresenta-se monótona, fica a boa perspectiva e com o tempo tudo vai melhorar. A comida que no fundo é péssima, também está melhorando, porque se hoje me posso servir de algumas batatas ou uma sopa de batatas, já tenho um prato delicioso e apetitoso. Por este motivo alegrem-se com as batatas que podem comer diaria-

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

mente ou um pedaço de pão seco que aqui muitos não têm para comer". (carta às suas irmãs Marie e Emilie, 10.09.1853).

mostra um certo conformismo na medida que simboliza "o ideal de ascensão social e de acesso a bens e serviços (OLIVEN: 1985, 25), como o próprio imigrante deixa entrever:

(...) Eu estou satisfeito e tranquilo com meu destino e posso dizer que não me arrependo ter dado este passo tão decisivo para meu futuro.

Sim, digo isto de coração, apesar do árduo trabalho, uma forma de vida em grande parte ainda é primitiva, distante de pais e irmãos, eu me sinto bem. Diariamente vejo e admiro o meu trabalho, os frutos que já colhi, eu me alegro, e você querido pai alegre-se comigo, pois eu estou totalmente feliz e satisfeito". (carta a seu pai, 24.09.1853).

Ou:

"Dentro de alguns anos quando for visitá-los, levarei de tudo que produz aqui. Vão também experimentar o açúcar de minha própria fabricação, como também o café brasileiro.

Levarei também carne seca e farinha de mandioca. Com os mesmos prepararei diversos pratos para vocês. Maçãs e bananas dificilmente se conservarão. As peles de onça e outras lindas peles levarei para vocês, que servirão de bonitos cachos para o inverno". (Carta à sua mãe, .... 23.09.1853).

A presença do trabalho associado também é importante des-

taçar dentro das atividades equivalentes exigidas na Colônia. As tarefas precisavam ser "divididas" para que questões como roçar, plantar, cozinhar, cerzir, lavar e costurar, entre outras, fossem resolvidas. O grau de cooperação envolvida neste sentido (ou neste assunto), entra no aspecto econômico, com o pequeno proprietário remunerando os trabalhadores a seu serviço, criando uma rede de prestações e contraprestações, pois embora houvesse a remuneração direta pelo serviço prestado, existia também a obrigação de retribuição, ou seja, dar aos operários, casa e comida:

"Fico feliz em lhe comunicar que já tenho uma família comigo. O homem tem 28 anos, é forte e trabalhador, com o qual estou muito satisfeito. Sua esposa é 6 anos mais velha porém também trabalhadora.

Chegaram no dia 9 de outubro. Como não têm filhos, com maior cuidado e dedicação cuida dos afazeres da casa. Esta família já morou por 2 anos e meio em "Dona Francisca", mas lá não conseguiram o que os fez realmente emigrar. Chegaram aqui com algumas dívidas e a mulher devido ao clima insalubre de lá, estava quase sempre doente. Contratei o casal pelo período de 9 meses e pago ao homem, no primeiro mês 6, no segundo 7 e a partir do terceiro mês, 8 mil réis, se continuar tão trabalhador como agora. A esposa recebe no primeiro mês 4 e a partir do segundo, 5 mil réis se continuar a cuidar bem da casa. (...) Ela também cuida da horta, plantação de

batatas, o que já é um trabalho a menos para mim.

(...)

Estou satisfeito por ter uma mulher à frente dos afazeres domésticos, pois já há 14 dias não pude mais trabalhar na roça”.

(carta ao seu pai, 26.10.1853).

Enquanto que no caso da migração, a instituição do mutirão muitas das vezes resolve e beneficia envolvidos, cuja prática ocupa destaque por envolver aspectos de um trabalho baseado na cooperação e troca de favores, o imigrante não podia contar com tal forma de trabalho coletivo, mesmo porque, as distâncias entre um lote e outro impossibilitavam tal solução:

“Fiquei muito contente ao saber que Dr. Blumenau presenteou um fundidor de cobre com um terreno vizinho ao meu. Este terreno tem exatamente 100 Morgen. É um jovem de 25 anos, humilde, bastante culto e já o conheci no navio. Ele ficará uns dias hospedado em minha casa até que possa construir sua cabana na outra margem do rio.

Minha propriedade agora valorizou-se por pelo menos, 100 mil réis. Principalmente porque o vizinho mais próximo não está duas horas distante e sim bem perto”. (carta ao seu pai, ... 26.10.1853).

### Conclusão

Com certeza há outros aspectos a considerar quanto à formação de uma família dentro do novo espaço que o imigrante estava vivendo. Algumas modificações que o indivíduo experimentava sustentavam-se nas dificul-

dades, já citadas, em se obter pessoas para o trabalho, ou mesmo em conhecer outras pessoas, tendo em vista as distâncias e as condições de transporte. A organização da comunidade tem importância na rede de relações sociais, pois é o contexto e o espaço que todos vão viver. As esposas são escolhidas pelos dotes (ser uma boa dona-de-casa, saber costurar) e visando entrar com sua mão-de-obra para sustentar a nova organização familiar. Algumas vezes tais laços de casamento manifestam claramente a importância de um apoio moral:

“Uma grande felicidade é que Deus me deu uma esposa tão boa e que está ao meu lado firme e confiante, consolando-me sempre quando estou prestes a desesperar. Se eu não tivesse esta mulher corajosa ao meu lado, quem sabe onde eu estaria, talvez errando por outro lugar na selva americana e enfrentando os mais diversos problemas. Por esta razão também não quero lamentar meu destino e ser sempre confiante em Deus” (carta ao seu irmão Hermann, 7.12.1855).

Donde se conclui que a adaptação do imigrante ao meio rural merece ser examinado e questionado também em outras áreas importantes, como lazer, religião e outras formas de sociabilidade no contexto dos novos comportamentos que o colono ia assumindo.

Mas, acima de tudo, fica evidente que o “tão querido e sempre novo capítulo do casamento” era uma questão importante para estruturar a família na sociedade em formação.

### Notas de referência:

1 — OLIVEN: 1985, pág. 24

### Referências Bibliográficas

1 — DURHAM, E.R. **Família e Reprodução Humana.** in *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

2 — OLIVEN, R. G. **A Antropologia de Grupos Urbanos**, Petrópolis, Editora Vozes Ltda, 1985.

3 — PRADO D. **O que é Família** Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

4 — "BLUMENAU EM CADERNOS" da Fundação "Casa Dr. Blumenau", referentes a: abril/1985, fevereiro e setembro/1986, fevereiro, março, abril e maio/1987, janeiro e abril/1988.

5 — LAMBERT, J. **Os Dois Brasís.** São Paulo, Cia Editora Nacional, 1967.

---

## Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

### Notícias de 9 de novembro de 1867:

Colônia Blumenau. — Em vista do relatório do engenheiro Emil Odebrecht, sobre a viagem de inspeção ao Planalto, o Presidente da Província autorizou o Diretor da Colônia, a entregar as obras preliminares para a ligação com o Planalto, ao referido engenheiro. Foi concedida, para este fim, a verba de cinco contos de réis. No intuito de se protegerem contra eventuais ataques dos indígenas, o engenheiro e seus ajudantes devem prover-se de armas e munições, sem, no entanto, exercer qualquer ato de animosidade contra os bugres.

Dona Francisca. — Meios de comunicação. Na vizinha povoação de Barra Velha, situada à beira da lagoa que o rio Itapocu forma na sua desembocadura no Oceano, os bugres já assaltaram várias vezes moradias isoladas e parece que os silvícolas têm preferência justamente por aquele local. É que a beira da Lagoa, onde hoje se encontra Barra Velha, outrora pertenceu aos indígenas. El, provavelmente os índios, rechaçados serra acima, até hoje conservam o amor à sua antiga morada e de tempos em tempos se vingam dos atuais habitantes odiados como intrusos em sua possessão. A fim de proteger a comunidade daquela povoação contra os ataques dos bugres, que aparecem sempre no verão, um morador de Barra Velha se prontificou a abrir um caminho entre as colônias Blumenau e Dona Francisca, bem como outras vias na floresta, caso o Presidente da Província conceda dispensa de serviço a 50 homens da Guarda Nacional, que se dispõem a fazer este serviço. A Presidência, concordando com esta solicitação, concedeu a licença, porém somente a guardas não destinados ao ser-

viço da Guerra. Deste modo, a pretendida estrada será traçada em futuro próximo.

#### Notícia de 14 de dezembro de 1867:

Dona Francisca. — No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, foi solenemente inaugurada a Igreja católica, edificada sobre uma elevação no centro de Joinville. A construção, já terminada há vários anos, apenas recentemente recebeu o sino e o altar mor, este último artisticamente elaborada pelo senhor Moll, marceneiro local. Compareceram à festividade, em grande número, também brasileiros residentes nos arredores de Joinville.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

---

## Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

### TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (VII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 330: Provisão do Conselho de fábrica da capela de Braço do Norte de Treze de Maio, em 31.01.1909.

Termo 331: Provisão anual de celebração de missa para a mesma capela, em 12.07.1909.

Termo 332: Provisão de vigário encomendado da paróquia de Blumenau em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 333: Provisão de coadjutor em favor de Fr. Polycarpo.

Termo 334: Provisão de faculdades A, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 335: Provisão de faculdades B, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 336: Provisões das capelas de Indaial, Areias, Warnow, Encano, Encano Alto, São Luis, Rio Morto, Braço do Norte, Treze de Maio, Guarany-Mirim, Sete de Janeiro, Garcia, São Ludge-ro, São Vicente, São João, São José, Sagrada Família, Santo Antônio, N.S. da Saúde, para o a-

no de 1910.

Termo 337: Provisões anuais do Conselho de fábrica para as capelas acima citadas.

Termo 338: Provisão de nomeação de secretários diocesanos, em 01.07.1910.

Termo 339: Carta Circular do Sr. Bispo sobre Recenceamento, em 15.06.1910.

Termo 340: Documentos dos terrenos de Guarany-Mirim, Braço do Norte de Treze de Maio, Caminho das Areias e Warnow, entregues ao Sr. Bispo em 15.05.1911.

Termo 341: Comunicado do Sr. Bispo aos párocos sobre a Indulgência da Porciúncula, em .... 26.06.1911.

Termo 342: Mandamento do Sr. Bispo sobre a Resenha Eclesiástica, em 25.02.1911.

Termo 343: Provisão de vigário encomendado da paróquia de Blumenau em favor de Fr. Oswaldo Schlemger, para o ano de 1911.

Termo 344: Provisão de coadjutor da paróquia de Blumenau em favor de Fr. Francisco.

Termo 345: Provisão de faculdades A, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 346: Provisão de faculdades B, em favor de Fr. Oswaldo Schlenger.

Termo 347: Provisão das capelas de Indaial, Areias, Warnow, Encano, Encano Alto, Rio Morto, Rio do Teste, Garcia, Braço do Norte de Treze de Maio, Sete de Janeiro, Guarany-Mirim, Luis Alves, São João, São José, S. Antônio, N.S. da Saúde, Sagrada Família para o ano de 1911.

Termo 348: Provisão do Conselho de fábrica para as capelas acima mencionadas.

Termo 349: Aviso a respeito das Missões.

Termo 350: Visita pastoral do Sr. Bispo a Massaranduba e Luiz Alves, em maio de 1911.

Termo 351: Visita do Sr. Bispo à paróquia de Gaspar e Blumenau.

Termo 352: Mandamento do Sr. Bispo sobre as Fábricas, em 20.07.1911.

Termo 353: Mandamento do Sr. Bispo sobre a exposição do SS. Sacramento, em 23.08.1911.

Termo 354: Mandamento do Sr. Bispo sobre os jornais católicos, em 20.10.1911.

Termo 355: Convocação do Sr. Bispo sobre dias Santos e jejuns, em 19.12.1911.

Termo 356: Convocação do Sr. Bispo para um Congresso Sacerdotal Diocesano, em ..... 20.10.1911.

Termo 357: Edital de Convo-

cação para o Congresso, em ... 22.11.1911.

Termo 358: Mandamento do Sr. Bispo sobre as Taxas e Contribuições Eclesiásticas, em .... 20.01.1912.

Termo 359: Provisão de vigário encomendado da Paróquia de Blumenau em favor de Fr. Solano Schmitt.

Termo 360: Provisão de coadjutor em favor de Fr. Hysto Neves.

Termo 361: Provisão de faculdades A, em favor de Fr. Solano Schmitt.

Termo 362: Provisão de faculdades B, em favor de Fr. Solano Schmitt.

Termo 363: Provisão das capelas de Indaial, Areias, Warnow, Rio Morto, Encano, Encano Alto, Rio do Teste, Garcia, Luiz Alves, São José, S. Antônio, São João, N.S. da Saúde e Sagrada Família, para o ano de 1912.

Termo 364: Provisão anual do Conselho de fábrica para as capelas acima mencionadas e para a matriz (ano de 1912).

Termo 365: Instrução do Sr. Bispo sobre as Visitas Pastorais, em 08.12.1912.

Termo 366: Carta Circular do Sr. Bispo sobre as Conferências, em 25.03.1912.

Termo 367: Carta Pastoral Pro Ecclesia et Pontifice, de Dom João Becker, em 16.04.1912.

Termo de Encerramento:

As oitenta e cinco folhas do Livro de Tombo n.º 1 da Paróquia São Paulo Apóstolo foram rubricadas pelo Pe. Alberto José Gonçalves, em 03.09.1895 e foi encerrado com o termo n.º 367, em 16.04.1912.

— Os homens são destinados, no momento em que nascem, a dirigir ou serem dirigidos. — Aristóteles.

# AS PREVISÕES FUTURAS PARA A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS NO FABRICO DE LATICÍNIOS NO SUL DO BRASIL

Conselhos práticos e experiências colhidas, num valioso trabalho de Eugen Kieser, técnico no fabrico de laticínios e agricultura "perguntas para o futuro" — editado em Blumenau em 1918, impresso na Tipografia Baungarten.

(continuação do n.º anterior)

## C EMPREGO DE PATENTE DO SR. "X" E O TRÁGICO FIM DA FÁBRICA

Antes de falarmos sobre esta questão de patente do sr. "X", queremos nos referir um pouco sobre sua origem.

Há algum tempo passado, um médico mineiro viajou a Paris. Fazia parte do bom tom brasileiro ir pelo menos uma vez a Paris, para conhecer a cultura e a civilização daquela grande nação e absorvê-las em grandes traços. Este médico foi levado a conhecer Paris e uma ocasião visitou uma fábrica de margarina. Ali ele viu que óleos e gorduras possíveis e impossíveis eram aquecidos em grandes máquinas e adicionado leite ou nata e misturado a uma massa homogênea, cujo resultado era a composição de um produto semelhante à manteiga e muito procurado para consumo.

Foi então que este senhor, — o médico —, teve uma genial idéia: de uma que não se sabe, entrou em contato com a produção de manteiga em seu Estado natal, no Brasil, porque achou que um processo semelhante também daria resultado aqui. Visitou e estudou ativamente aquela fábrica e numa das visitas ele fez a uma real fábrica de manteiga, enquanto que na outra que havia

conhecido, era aquela combinação de misturas.

Um certo senhor Dubagui, era importador de manteiga francesa e muito conhecida no Rio de Janeiro. A questão financeira não era problema. O importante era conseguir a simpatia do senhor "D" e interessá-lo no projeto. O negócio foi coroado de êxito. As instalações compradas logo em Paris e o senhor médico, com o sócio, viajou em seguida ao Rio. Chegando aqui, formou com ricos fazendeiros uma sociedade familiar e, em pouco tempo, no interior de Minas Gerais, passou a funcionar a primeira fábrica de manteiga. O fornecedor da manteiga pura era Blumenau, sem ter o mínimo conhecimento do golpe. O leite, naquela região, na época, quase nada custava e, assim, também a mão de obra era de baixo custo. Por isto é que a fábrica, em pouco tempo, funcionava e produzia a todo vapor.

Também a propaganda da manteiga franco-brasileira era acionada em grande escala. A partir de então, os mercados estavam inundados desta nova marca de manteiga, que não podia faltar numa mesa patriótica.

O Senhor "X", do qual já se

comentou anteriormente, talvez teve algum conhecimento com o médico e, assim, tornou-se sócio de uma segunda fábrica e teve assim possibilidade de olhar atrás dos panos. Como brasileiro do sul e comerciante muito viajado, abriu bem os olhos e refletiu: — Se os mineiros buscam primeiro o produto no distante Rio de Janeiro e depois de ter passado pela fábrica retorna pelo mesmo caminho, então seria bem mais proveitoso o caminho direto, porque o lucro deles seria enorme. O Rio Grande do Sul, terra natal do senhor "X", não era o lugar certo, como também o Paraná, porque ambos não tinham acentuada exportação de manteiga. Mas no município exportador, que era Blumenau, havia todas as condições de um negócio lucrativo. Aqui, portanto, era o lugar certo.

A marca registrada do produto mineiro foi adquirida por pouco dinheiro porque a fábrica blumenauense deveria tornar-se uma empresa irmã, naturalmente com direito a lucros à casa-mãe, ou o que era mais certo — o que não dito aos blumenauenses — a manteiga de Blumenau deveria seguir diretamente para Minas Gerais, e mais tarde para o Rio, onde deveria sofrer nova transformação. O sr. "X" fez da marca registrada uma patente, o que no Brasil era fácil, bem como adquirir diploma de médico, farmacêutico, advogado ou oficial. Com esta "patente" nós fomos fígados em mais de 30 (trinta) contos de réis.

O método patenteado baseia-se no seguinte: A manteiga é diluída vagarosamente num tacho duplo, numa temperatura de cer-

ca de 45 a 50°, onde os resíduos flutuam sobre a massa gordurosa, como por exemplo caseína, cabelos, moscas, etc..., enquanto água de sal, grãos de sal grosso e conchas, ficam no fundo do tacho. Para apressar o processo de limpeza, uma grande quantidade de bicarbonato de sódio é adicionada. Se no centro, ao esfriar formou-se uma camada líquida oleosa e límpida, então retira-se a superfície suja e passa a gordura quente para outra vasilha. A gordura da manteiga é levada a um homogenizador, o qual é abastecido tanto com leite gorduroso e desnatado em igual quantidade e trabalhado para nata. Tanto este sistema como o preparo da manteiga seguem os mesmos princípios. A perda na diluição é de aproximadamente 30% (trinta por cento).

Os gastos da fabricação mais outras despesas, o senhor "X" calculou em 800 réis por quilo, mas em verdade, chegaram a .. 1\$000, aos quais se somavam as despesas de frete, alfândega, duana e o dinheiro da senhora "X".

O preço da compra da manteiga era de 1\$800 por quilo e na adição dá o seguinte resultado:

Preço da manteiga: 1\$800  
Despesas de fabricação: 1\$000  
30% (trinta por cento) de perda: \$540  
Gratificação à sra. "X": \$230  
Frete até a duana: \$130

Chega-se assim à soma total de: 3\$700 (treis mil e setecentos réis).

Comparando-se estas despesas com o preço mínimo da venda da manteiga (4\$000 por quilo), então sobram a meu favor \$300

reís, o que, numa produção diária de 500 quilos, resulta num ganho de 150\$000.

Os juros do até agora capital de ações, o aluguel e a amortização, exigem uma diária de . . . 75\$000. Só assim, somente com este restante a empresa deveria continuar. Mas, em vez de 500 quilos, em pouco tempo foi reduzido para 400, depois 300 quilos e ainda às vezes menor quota diária entregue, enquanto a quantia de leite aumentava. Isto acarretava distúrbios na fabricação. Mesmo assim seria possível de suportar, pois sem estas doenças infantis no Brasil, não se passa — mas poderia passar-se se tivesse ficado no preço de venda garantido da manteiga.

Nós enviamos 5.000 ou até 10.000 quilos de manteiga e recebíamos pela primeira remessa . . . 4\$000. Pela segunda, 3\$700, informando-nos que o preço havia caído.

A remessa seguinte foi calculada com 3\$300, alegando que a manteiga diminuira de qualidade. A última remessa foi calculada a 2\$700, alegando-se que era

imprestável para a venda, porque cheirava a peixe. As amostras retidas de todas as remessas, provaram o contrário e o conselho deliberativo, após dois meses de trabalho, resolveu fechar a fábrica. A entrega da manteiga que estava a caminho, foi por intermédio de um telegrama enviado ao sr. "X".

Foi constatado, mais tarde, que a manteiga blumenauense era vendida a uma fábrica no Rio e o senhor "X" não fazia nenhum esforço para colocá-la no mercado. Em Blumenau, o nervosismo foi geral e acusavam-se mutuamente pela total confiança depositada num homem cujo passado era por todos conhecido. Que os maiores erros cometidos, seja dito, em favor da verdade, foi por culpa dos grandes exportadores de manteiga, que reconheceram na fábrica uma falsa especulação, destinada ao fracasso já desde o início. Os acionistas já colocaram sua parte em fins de 1910 à venda, mas devido a má fama da fábrica, estas ações postas à venda não encontraram comprador.

---

## A BIBLIOTECA "DR. FRITZ MÜLLER" E SEU GRANDE SERVIÇO À COMUNIDADE

Pelos números do quadro que a seguir apresentamos, achamos necessário e oportuno registrar nesta revista, na atual edição, fatos estatísticos que dizem bem do trabalho que aqui se realiza em prol do cada vez melhor atendimento, aprimoramento e crescimento do acervo de nossa Biblioteca, beneficiando com isso, milhares de membros de nossa comunidade que aqui nos procuram para consultas e empréstimos de livros.

É um trabalho que começou a crescer mercê de uma organização técnica aprimorada pela sabedoria e conhecimentos profundos de nossa bibliotecária Sônia Maria Mattos. A ela, sem dúvida e ao apoio que tem recebido, primeiramente pelo chefe do serviço Francisco Fil-

gueiras, pela direção executiva e muito especialmente pela colaboração prestimosa das funcionárias que aqui atuam, deve-se a realidade do sucesso que, a partir de abril de 1988, vem alcançando as atividades da biblioteca em todos os seus setores, inclusive no serviço ambulante junto às escolas.

Convém observar, ainda, que o movimento que a seguir apresentamos, como acima já indicamos, refere-se a empréstimos e consultas. Eis os números:

#### MOVIMENTO BIBLIOTECA DR. FRITZ MÜLLER

	1987	1988	1989
JANEIRO	382	348	778
FEVEREIRO	402	551	1.121
MARÇO	971	967	2.344
ABRIL	1.257	1.471	2.967
MAIO	1.535	1.844	3.538
JUNHO	1.379	1.495	3.302
JULHO	1.020	1.255	1.995
AGOSTO	1.344	2.085	2.545
SETEMBRO	1.805	2.143	
OUTUBRO	1.220	1.960	
NOVEMBRO	1.187	1.972	
DEZEMBRO	390	754	
	12.892	16.845	18.590

#### O MEMORÁVEL DIA 2 DE SETEMBRO DE 1850

### UM EXEMPLO DE TENACIDADE IMBATÍVEL

Quem diria que os ideais de um homem, sua pertinácia, seu entusiasmo e força de vontade sem paralelo, nascidos da visão que teve, em 1848, ao visitar, pela primeira vez, o Vale do Itajaí, ou seja, chegar até a foz do ribeirão da Velha, transportado por valentes canoeiros, se transformaria na progressista comunidade blumenauense da qual tanto nos orgulhamos hoje.

O Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, na companhia de seu sócio Fernando Hackrat, ao aportar às margens da foz do ri-

beirão da Velha, tomou a decisão de que aqui construiria sua colônia e que nela haveria de colocar, trazidos de sua pátria em que na época se sofriam muitas amarguras e agruras, seus concidadãos para aqui criarem uma nova geração de pessoas livres, saudáveis e orgulhosos da produtividade que haveriam de tirar da dadivosa terra então encontrada.

Dois anos após o primeiro contato com esta região, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau fazia chegar, guiados por seu sobrinho Victor Gaertner, os pri-

meiros 17 imigrantes que vinham dispostos a corresponder aos ideais de um homem que sonhava, sim, mas com a realidade à sua frente.

Os primeiros anos foram constituídos de dificuldades quase que intransponíveis. Como se não chegasse o terror que teriam de enfrentar todos os dias com as ameaças dos índios, haviam ainda os climas irregulares, com numerosas enchentes que tanto destruíram daquilo que os primeiros colonizadores produziam. Com isto, não sofriam somente as famílias, mas especialmente o diretor da pequena colônia, cujos ideais vinham, a cada instante, sendo obstaculados por tais acontecimentos.

Mas tudo isso não foi suficiente para destruir os objetivos do Dr. Blumenau e de sua gente para cá trazida. Desde o dia 2 de setembro de 1850, quando aqui aportaram os primeiros 17 imigrantes, até o final do século passado, muito se fez, embora muito houvesse sido destruído pelas cheias do rio Itajaí e pelos índios. Mas a vontade férrea de cada habitante, com o espírito pioneiríssimo, de desbravador e disposição que lhes incutia o fundador de enfrentar todos os obstáculos, fez com que tudo fosse superado, lentamente mas com segurança.

De tudo isso, vinham nascendo as novas idéias dentro da colônia. Eram trazidos para cá profissionais de diversas qualificações, assim como homens de negócios, empresários. Da mescla deste conjunto de pioneiros, a Colônia Blumenau foi se destacando pelos produtos que começou a fabricar, desde as malhas,

charutos, queijo, manteiga, madeira, aguardente, açúcar e outros tantos que foram, aos poucos, enriquecendo a colônia e seus colonizadores.

Cansado de tanto esforço e dedicação, com a família decidida a residir definitivamente na Alemanha, o fundador da já então progressista Colônia retirou-se com o coração partido, pois afirmava em carta ao Imperador D. Pedro II que "desejaria que minhas cinzas repousassem nesta minha bela pátria adotiva onde derramei muito suor e lágrimas, mas tenho que curvar-me aos ditames do destino".

Não abandonou sua Colônia. Já naquela época, em 1884, a Colônia se emancipava e constituía seu primeiro Governo municipal, passando então a uma nova fase de desenvolvimento em toda a região, pois o município de Blumenau se estendia desde as limitações com Itajaí até os limites com Lages, já no segundo planalto. Eram grandes as suas dimensões.

As indústrias concentraram-se com maior força nas proximidades da sede do município, enquanto que nos numerosos distritos dentro dos limites citados, o progresso também se fazia presente, daí ser, Blumenau, já na primeira década do século atual, uma das colônias mais progressistas do Brasil, especialmente depois que foi inaugurada a Estrada de Ferro Santa Catarina, ligando Blumenau a Hansa, mais tarde até Hamônia e finalmente Rio do Sul.

Lamentavelmente o fundador não teve a felicidade de conhecer o progresso da colônia que fundara em 1850, porque falecia

em 30 de outubro de 1899, portanto ao alvorecer do século XX.

Mas a tenacidade, inteligência, honestidade, determinação e espírito de iniciativa que caracterizaram sempre a personalidade do fundador, ficou indelével através da história e das gerações que se sucederam. E o resultado de tudo isso, é o que encontramos hoje em toda a região do Vale do Itajaí, obra de um vulto que ficou na história e cujo desenvolvimento sempre foi polarizado pelo atual município de Blumenau, cujas indústrias, agora, vêm expandindo suas atividades produtivas ao longo deste maravilhoso Vale que é o Vale do Itajaí.

É justo, pois, e digno da nos-

sa perene gratidão, o ato de que ora participamos, ao festejarmos os 139 anos daquele dia em que o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau recebeu os primeiros 17 imigrantes e com ele entrou numa batalha que a muitos pareceria impossível de vencer.

São exemplos que jamais poderão ser esquecidos e que servem, como têm servido até hoje, como estímulo e a segurança de que, se quisermos vencer, venceremos. Blumenau é este exemplo e seu fundador é o símbolo que, através dos futuros séculos haverá de nortear sempre a ação das gerações futuras, em busca de um porvir melhor.

**José Gonçalves**

---

## OCORRÊNCIAS LIGADAS COM A CONSTRUÇÃO EM 1914, DA USINA DE ELETRICIDADE DE SALTO WEISSBACH

BLUMENAUER ZEITUNG

Nº. 14 — Sábado, 25 de abril de 1914 — Ano 33.

A usina de eletricidade no Salto continua a sua construção em passo acelerado apesar de que ultimamente os trabalhos foram dificultados pelo aumento do volume de água no Rio Itajaí.

As explosões no leito do Rio, diante do escoamento das massas de água das câmaras de turbinas responsáveis do canal causaram, muitas dificuldades, mas serão vencidas e ao dirigente como aos trabalhadores nossos respeitos.

Os trabalhos preparatórios para a construção das cabines de turbinas bem como para a montagem das pontes de ligação sobre o canal para a construção da casa de máquinas etc., está quase pronto. A grande quantidade de material que está armazenado nos galpões, dá uma idéia da fantástica obra planejada, mas ao mesmo tempo também despertam a surpresa sobre o progresso do tempo moderno e o respeito pelos construtores e seus empreendedores.

Nós desejamos primeiro a este empreendimento tão necessário para Blumenau, inicialmente um bom tempo e um nível de água favorável para a finalização dos trabalhos, de base.

BLUMENAUER ZEITUNG

Nº. 21 — Sábado, 23 de maio de 1914 — Ano 33

**Regresso.**

O senhor P. Christiano Feddersen, voltou na quinta-feira de uma prolongada viagem ao Rio e S. Paulo. Com ele chegaram alguns senhores que dirigirão a colocação das turbinas, máquinas etc para a usina de eletricidade no Salto, bem como a instalação interna das linhas de eletricidade para o interior do município, redondezas do Salto, centro da cidade. . . O material e máquinas, já estão no local. Espera-se que a obra esteja concluída dentro de 4 a 5 meses para o funcionamento de luz e força.

---

BLUMENAUER ZEITUNG

Nº. 36 — Sábado, 22 de julho de 1914 — Ano 33

**Usina de eletricidade.**

Estes dias virá o senhor Hacker, co-proprietário da importante Firma Bromberg, Hacker e Cia, com sua família para permanecer por algum tempo em Blumenau.

---

BLUMENAUER ZEITUNG

Nº. 41 — Sábado, 8 de agosto de 1914 — Ano 33

**Usina de Eletricidade.**

Ao contrário das notícias sobre a usina de que devido a partida de diversos trabalhadores, funcionários, a obra estaria sujeita a uma parada, podemos afirmar que os trabalhos, prosseguirão, e já foi encontrado pessoal substituto.

---

BLUMENAUER ZEITUNG

Nº. 80 — Sábado, 23 de dezembro de 1914 — Ano 33

**Usina de eletricidade do Salto.**

Com o término do ano os empresários da Usina de eletricidade no Salto conseguiram o primeiro fornecimento de força. E de acordo com o contrato com o senhor Busch, a antiga instalação da mesma será primeiro provida com força. O senhor Busch paralisará a obra em Gaspar, porque chegou ao limite de sua produção. Os postes necessários de madeira para a linha estão ali colocados desde o início da guerra e não puderam ser transportados. Em seu lugar foram usados postes de madeira provisórios. Serão ligados primeiro as fábricas dos Irmãos Hering e Julius Probst. A linha será levada até Itajaí.

Tradução: Edith Sophia Eimer

<p><b>CREMER</b> Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.</p>
---

# CAMBURIÚ E NÃO CAMBORIÚ

Por Hermes Justino Patrianova,

Autor do  
"PEQUENO LIVRO"

Como vínhamos estudando fazê-lo, adquirimos uma preciosa Coleção da Magnífica Revista "Elumenau em Cadernos" dos anos de 1976 a 1988, além de tomarmos uma assinatura anual (1989) de tão interessante publicação, editada pela Fundação "CASA DR. BLUMENAU" desde 1957, sob a égide do saudoso Historiador José Ferreira da Silva (Tijucas, 16-01-1897 — Blumenau, 30-12-1973). E não temos a intenção de parar enquanto não completarmos o resto da Coleção (1960-1975).

Recebidos os 13 tomos anuais, não resistimos à curiosidade e nos lançamos à leitura do tomo XVII, correspondente a 1976, no qual deparamos com duas opiniões a respeito de CAMBURIÚ.

I — "CAMBORIÚ SIGNIFICA CRIADOURO DE ROBALO", por Pe. Raulino Reitz, página 149;

II — "CAMBORIÚ OU CAMBARIGUASSU", de Ernesto Stodieck Júnior, página 305.

Começamos pela II opinião, que assim se inicia: "Procura-se a origem ou a tradução do supostamente indígena nome de conhecida Praia. E, pelo que tudo indica, Camboriú parece ser corruptela de Cambariguassu, cuja tradução exata deveria ser dada por algum especialista".

Relanceamos as vistas sobre os demais tomos (1968 a 1988) e não vimos o aparecimento do desejado especialista, por isso

que nos apresentamos à dirimência da dúvida...

Reportando-nos à I opinião (Reitz), verificamos que também não é conclusiva, pois que assim principia: "Li, em certo folheto com dados referentes ao nosso famoso Balneário de Camboriú, que seu nome poderia originar-se de uma estória contada por um caboclo que teria dito que ele morava lá onde "camba o rio", de cuja expressão mal articulada teria se originado o topônimo Camboriú. No entanto, mapas bem antigos assinalam o nome Rio Camboriú antes de haver qualquer povoamento de origem européia na área".

Sobre a II opinião, discordamos da "corruptela de Cambariguassu", porque esta palavra se traduz na mesma Elevação existente no Morro e também chamada CAMBURIÚ — CAMA igual CAMEA mais ARI mais GUAÇU igual CAMBARIGUAÇU.

Quanto ao nome do Rio Camboriú existir há muito tempo, estamos de acordo, contrariando apenas a maneira de escrever-se a palavra com EO intermediário, em vez de BU — Camburiú.

Concordamos que, na II, se procure a origem ou a tradução suposta indígena, que se encontra, certa, na afirmação da I: "O topônimo Camboriú é, realmente, indígena" e, com toda a certeza, Tupy. Entretanto, na sua composição tupi não entra robalo, o camuri dos índios.

A solução do problema, a verdade, encontra-se às páginas 66 a 69 do "PEQUENO LIVRO", de que extraímos os seguintes dados:

1) CAMBURIÚ — Cidade e Município do Estado de Santa Catarina, de cujo território foi desmembrado o Município (e Cidade) de Balneário Camburiú, a mais famosa e formosa Praia do Sul do Brasil.

2) Sua origem é Tupy e se decompõe em CAMBU (Mamar, chupar, sugar) mais RYRU igual RIÚ (Recipiente, vasilha, receptáculo, utensílio) igual RECIPIENTE DE MAMAR igual UTENSÍLIO DE CHUPAR igual MAMA igual SEIO igual PEITO igual MAMICA, SALIÊNCIA DE MORRO, EM FORMA DE SEIO DE MULHER igual CAMBURYRU igual CAMBURIÚ.

3) No Litoral do Estado de São Paulo existem cinco Topônimos com o nome Camburi, que não significam originários do peixe camuri.

4) Esses lugares, lambidos pelas ondas marítimas, traduzem-se em: Água que vem roncar na Ponta, Água que vem roncar no mato, Água que vem roncar no Morro, Água que vem lambar, Água que vem mamar = CABURI, que nada tem a ver com camuri (Peixe).

5) No Morro, que denominamos CAMBURYRU, para conservar o nome original, existe uma Elevação (Saliência semelhante a uma grande mama), que dá nomes aos dois Municípios catarinenses — CAMBURIÚ E BALNEÁRIO CAMBURIÚ. É o recipiente de mamar, o seio que os Gentios usaram para denominar a Taba e os Caraibas do Século

XX o fizeram para designar o famoso Balneário Camburiú que, a nosso entender, CAMBURIÚ, é muito mais correto que Camburiú.

6) No nosso tempo de Escola Primária, há quase 70 anos, escrevia-se corretamente CAMBURIÚ. Os moderninhos foram os que corromperam para Camburiú.

7) A palavra CAMURI designa, primeiramente, um aparelho de pesca indígena, constante de uma bóia, pequena, com a forma de um seio de mulher, feita de cortiça e guarnecida de anzóis, para a pesca de robalo, tartaruga e mais alguns peixes; pois nem todos se pescam de camuri. O nome do aparelho — camuri — foi tornado extensivo ao seu mais assíduo frequentador — o robalo ou camuri.

8) A composição de CAMURI começa com CAMA = CAM' (Mama, peito, bóia semelhante a seio) + U (Comer) mais URI menos 'RI (Vir, que vem, de vir, para vir) igual QUE VEM PARA COMER NA BÓIA igual DE VIR PARA COMER NO APARELHO DE PESCA igual APARELHO DE PESCA (CAMURI) igual ROBALO (CAMURI) igual CAM' mais U mais RI igual CAMURI, corrompido para CAMURIM.

Voltamos, mais uma vez, à II opinião (Stodieck Jr.), para alguns reparos necessários:

A descrição do suposto Cambariguassu é a mesma do nosso CAMBURIÚ e significa a mesma coisa!

A palavra SAMBÁ não significa ostra, que se traduz em RERY (Cheia de caldo gostoso).

SAMBÁ se traduz por berbigão, que tem mais um sinôni-

mo tupi = SERNAMBI.

(T)AMBA, que nada tem a ver com SAMBA (berbigão), significa "estar ou ficar de pé", entra na composição de tamaru ou tambaru, um crustáceo desconhecido aqui no Sul do País, onde existe somente uns poucos tambaritacas.

Camboriú, não é correto! É corruptela!

CAMBURIÚ, sim: é a verdadeira tradução, sem sombra de dúvida, da grande mama existen-

te a Oeste da Cidade de Balneário Camburiú e a Noroeste da velha Cidade de CAMBURIÚ, a qual, também, JÁ SE DENOMINOU, ANTERIORMENTE, CAMBARRIGUAÇU, cuja tradução é a seguinte: CAMA igual CAMBA (Mama, seio, mamica, peito) + ARI (Sobre, em cima, no alto) mais AÇU igual GUAÇU (Grande, enorme) igual MAMA ENORME SOBRE (O MORRO) igual SEIO GRANDE EM CIMA (DO MORRO) igual CAMBARIGUAÇU.

## AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANAZIO

### EUCLIDES, NEREU E "OS SERTÕES"

PESQUISAR OU ESCREVER SOBRE UM ASSUNTO "ABANDONADO" TORNA-SE ENTÃO "REACIONÁRIO" E "ANTIQUADO".

Fraus Moonem

O último dia 15 de agosto marcou os oitenta anos do trágico desaparecimento de Euclides da Cunha. Como se sabe, o autor de "Os Sertões" foi vítima de homicídio no subúrbio da Piedade, no Rio de Janeiro, em circunstâncias que provocaram uma polêmica que dura até hoje, como se verifica dos artigos, ensaios e até livros que continuam aparecendo, a exemplo de "Anna de Assis", de Judith Ribeiro de Assis e Jeferson de Andrade (Codecri — Rio — 1987). Esse aniversário melancólico haveria de provocar, em outro país, intensa discussão nos meios culturais e literários, como vem acontecendo em relação ao escritor americano Ernest Hemingway. Entre nós, no entanto, nada mais que algumas notas na imprensa e ainda assim muito superficiais.

"Os Sertões", no entanto, é uma obra inigualável de nossas letras e sua leitura muito me fascinou em certa fase da vida. E por isso, numa reverência ao autor e também pelo prazer da boa leitura, voltei às suas páginas e reli com o mesmo entusiasmo a epopéia de Canudos, em sua 33ª. edição (Francisco Alves — Rio — 1987). É um livro deslumbrante, indispensável para quem se envolve com es-

sas coisas de letras e pretende conhecer alguma coisa deste Brasil.

Poucas obras literárias mereceram tanta atenção e análises em todos os recantos do país. Já se afirmou até ser impossível hoje dizer algo de novo a respeito dela, tão variada e ampla é a produção crítica que tem provocado. Poucos sabem, mas é verdadeiro, que um dos mais lúcidos ensaios críticos sobre esse livro monumental é de autoria de um catarinense. Trata-se de "A tapeçaria linguística de Os Sertões", escrita pelo Prof. Nereu Corrêa e publicada em volume por Edições Quíron/MEC — 1978.

Nesse ensaio modelar, fruto de intensas e exaustivas pesquisas, e acima de tudo revelador de seguro conhecimento da língua, Nereu Corrêa faz um exame meticuloso do estilo e da linguagem euclidianos. Começa estudando as propriedades estilísticas reveladas em "Os Sertões", discutindo o que seja estilo e as diversas opiniões a respeito. "Muito se tem escrito sobre o estilo de Euclides da Cunha. Excetuando-se Guimarães Rosa, nenhum outro escritor brasileiro tem sido mais discutido, sob esse aspecto, do que o autor de "Os Sertões". Sem o estilo, Euclides da Cunha não seria quem é, e "Os Sertões" não passariam de um livro a mais sobre o vergonhoso episódio de Canudos, de interesse restrito apenas à área histórica e/ou sociológica" — escreveu o ensaísta.

Para alguns críticos, afirma Nereu Corrêa, "o estilo euclidiano tem de ser passado a limpo e despojado de todas essas artificialidades barrocas e técnicas, para chegar a ser um estilo correto e exemplar. Apenas, depois desse processo de depuração, não teríamos mais Euclides da Cunha, sim um outro escritor, como tantos que existem em nossa literatura e na literatura portuguesa com tais predicados." Lembro, a propósito, de Lima Barreto, cujo estilo era acusado de ser o oposto, isto é, simples em demasia, descuidado, desmazelado. Depurado, como queriam com Euclides, também desapareceria o escritor carioca, perdendo o que tem de melhor — o estilo. Pois o estilo é como o nariz — dizia Monteiro Lobato — e cada um tem o seu.

A marcante originalidade de Euclides da Cunha reside exatamente em seu estilo. "O estilo de Euclides da Cunha — volta a falar o ensaísta, neste trecho de precisão e beleza — pode ser comparado a um desses rios dos sertões brasileiros, cujas águas não se detêm nos remansos ou não se rebalsam para contornar o terreno, no suave e sereno deslizamento da corrente; vão saltando os obstáculos, precipitam-se com fúria nos abismos, avançam ou recuam em refreios bruscos, procurando conter-se no curso sinuoso do leito. Um exame dos torneios fraseológicos empregados n"Os Sertões" nos mostra esses dois aspectos do seu estilo: a torrente verbal que jorra precipite, com ímpeto avassalador, e o poder do artista no sentido de represá-la, erguendo barreiras, construindo diques, contendo-a no leito das idéias, ou se já, nos exatos limites do seu pensamento." Impossível, creio eu, caracterizar melhor o que se lê em "Os Sertões."

Essa ênfase verbal que muitos críticos apontam como negativa também merece o esclarecimento do ensaísta. "Repito, diz ele: são exatamente tais defeitos, vistos por esses críticos, que, somados às

qualidades do seu estilo, compõem o cânone expressional do autor de "Os Sertões". Escoimá-los da sua linguagem seria mutilar a arte complexíssima que ele empregou na composição dessa obra inconfundível da literatura brasileira."

Outros tantos aspectos são analisados por Nereu Corrêa. O pretense "abuso" de termos técnicos e científicos, o mural gigantesco que Euclides fixou da região e da campanha de Canudos, o sociólogo, o geógrafo, o historiador, o repórter e o artista inigualável que conviviam dentro dele. Nada escapa à argúcia de um crítico que compreendeu como poucos a obra na sua relação com o meio, a época e o autor. Conclui pela afirmativa de que Euclides "não foi um criador, no sentido de inovar a língua, como um Guimarães Rosa" mas, em compensação, foi comparado ao mestre do romance universal — Leon Tolstoi. "Creio que nenhum outro escritor brasileiro já mereceu essa honra. Honra e glória do artista genial que deixou em "Os Sertões" um livro contemporâneo do futuro..." — diz ele no fecho deste seu magistral estudo.

Embora a moda de hoje seja não ter estilo, cultivando o linguajar redondo e impessoal dos jornais, e o "moderno" seja ignorar tudo que foi feito no passado, vale a pena reler "Os Sertões", uma experiência sempre excitante. E para melhor valorizá-lo e entendê-lo, nada como a leitura do ensaio de nosso conterrâneo Nereu Corrêa.

---

## LANÇAMENTOS

Foram lançados no período os seguintes livros: "Odisséia no Contestado", de Evaldo Trierweiller (Gráfica e Editora 43); "Contos e Poemas", de Raquel Furtado (Fundação Casa Dr. Blumenau); "Indelévels Verscs", de Delminda Silveira, com introdução de Lauro Junkes (Editora da UFSC); "Graciliano Ramos e a crítica literária", de Eunaldo Verdi (Editora da UFSC); "Eletromagnetismo e cálculo de campos", de João Pedro Assumpção Bastos (Editora da UFSC). "Vereda da virtude", poemas de Djuro Poljak, autor radicado em Balneário Camboriú e que também é artista plástico. A apresentação foi feita por Roberto Diniz Saut.

---

## NOITE CULTURAL

Realizou-se na cidade de Indaial, em 1º de setembro, uma noite cultural. Na ocasião foram apresentados os valores locais na música e nas artes. Estiveram presentes diversos autores e artistas convidados e após a programação realizou-se sessão de autógrafos de livros individuais e coletivos. O evento foi promovido pelo Governo

Municipal, pela Fundação Indaialense e pela Fundação Casa Dr. Blumenau.

---

## ARTES PLÁSTICAS

Apesar do silêncio quase total a respeito do assunto, merece referência a "Bienal Internacional de Artes" realizada na cidade de Brusque. O evento aconteceu no pavilhão da FIDEB e contou com a participação de artistas de 54 países e com cerca de quatro mil trabalhos em desenho, arte postal, cerâmica, escultura, fotografia e pintura, além de eventos paralelos, como exposição de selos e impressos, varal poético e música. A Bienal é uma idealização do artista plástico Jorge Grim e foi promovida pela ASSAC. A exposição, a meu ver, pecou por certa ausência de cor, deixando a impressão um tanto melancólica de uma única linha a nortear todo o conjunto. Mas o trabalho de organização e o esforço para realização tão ambiciosa merecem congratulações.

---

## BERNADETE OSÓRIO

A pintora catarinense Bernadete Osório, filha de Rio do Sul, promoveu exposição de suas obras no salão da Aliança Francesa, do Rio de Janeiro, com muito sucesso. É um nome catarinense que se destaca e a ela vão nossos parabéns.

---

# A ação social do Sindicato de Fiação e Tecelagem de Blumenau, de 1941 a 1950

Pesquisa realizada pela professora Aparecida Beduschi Schwab, no Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", compondo o sétimo capítulo de um trabalho monográfico intitulado: "O movimento operário: a ação social do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, de 1941 a 1950".

Foi apresentado em novembro de 1987 na disciplina "Desenvolvimento Brasileiro", ministrada pelo Prof. Dr. Rufino Porfírio Almeida, no curso de Pós-Graduação em História, a nível de Mestrado, da Universidade Federal de Santa Catarina

## A AÇÃO SOCIAL DO SINDICATO DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE BLUMENAU

Quando a Associação Profissional foi instalada e devidamente aprovada, passou a cobrar mensalidades de seus associados, o que lhe era facultado pela legislação trabalhista. Como Associação, ela não tinha

direito de receber a parcela correspondente ao Imposto Sindical, que o Ministério do Trabalho enviava apenas para os sindicatos. Este imposto servia como suporte financeiro para o desenvolvimento da ação social dos sindicatos. Inclusive, para a arregimentação de associados, era um forte atrativo.

Por isto, era forte a pressão da então Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau sobre os seus associados, no sentido de pagarem as mensalidades; pois, com a ausência dos recursos advindos do Imposto Sindical, elas serviriam para dinamizar o campo assistencial, que atrairia por sua vez novos associados.

Isto fica evidenciado na correspondência entre a Associação e seus delegados nas fábricas; pois, em quase todas encontramos a abordagem a seguir; agilizar o pagamento das mensalidades, fazer propaganda dos serviços assistenciais e um total empenho em conseguir novas inscrições.

Os serviços assistenciais por nós registrados, instalados a partir de 1941 até 1950, foram os seguintes:

- Agência de Colocação
- Assistência Jurídica
- Assistência Médica
- Assistência Farmacêutica
- Assistência Hospitalar
- Serviço Social

#### Agência de Colocação.

Instalada em 1941, servia como agência de empregos com colocações em atividades na indústria, no comércio e em casas particulares.

A Diretoria da APTIFTB chegou a enviar uma circular aos diretores das indústrias, pedindo que não empregassem pessoas não associadas, alegando: "nós nos propomos indicar a VV.SS. (SIC) os empregados que necessitarem, pelos quais ficaremos responsáveis perante VV.SS. (SIC) como também forneceremos empregados a vosso gosto e munidos de todos os papéis exigidos pela lei trabalhista. Será um descanço (SIC) para Vv.Ss. (SIC) que não terão mais o encomendo (SIC) desse controle" 1.

1 SCHUBERT, J.Jr., — Circular nº. 8 Blumenau 6 de setembro de 1941.

A indicação para as indústrias era realizada através de uma lista onde constava os nomes dos candidatos ao emprego, a idade, a nacionalidade, o estado civil e a habilitação; ou através de uma indicação individual.

#### Assistência Jurídica

O advogado Dr. Luis Navarro Stotz deu toda a organização jurídica à Associação Profissional, desde a sua fundação. Foi por ele organizada a Assistência Jurídica oferecida aos associados.

No "Comunicado nº. 2", de 16 de junho de 1941, o seu nome como Consultor Jurídico aparece entre as pessoas com autoridade dentro da Associação Profissional.

A 19 de junho do mesmo ano, foi admitido mais um advogado como Consultor Jurídico, o Dr. Henrique Stodiek, especialista em legislação social e trabalhista. Porém, em 8 de agosto de 1941, ele pede demissão do cargo alegando motivo de ordem particular.

Inicialmente os serviços dos advogados da Consultoria Jurídica haviam sido contratados por um ano, gratuitamente. Porém, a partir de outubro de 1941, através de um contrato, acertaram a remuneração de 300\$00 mensais, para que o Dr. Luis Stotz ficasse inteiramente a disposição da Associação.

A 18 de julho de 1941, eram dadas as normas gerais para a organização das atividades da Consultoria Jurídica da A.P.T.I.F.T.B.; ficando assim assentada:

a) seriam contratados no máximo dois advogados, devidamente inscritos na "Ordem dos Advogados do Brasil" (seção de Santa Catarina);

b) estes advogados possuiriam poderes especiais, passados por procuração pelo presidente da Associação;

c) deveria funcionar na sede social ou local de fácil acesso à Diretoria e aos associados;

d) havendo dois advogados, um deles teria função consultiva e o outro

representaria a Associação perante as autoridades públicas;

e) havendo um advogado, este exerceria todas as funções da Consultoria.

#### Atribuições da Consultoria Jurídica

a) atender, sempre que se fizer necessário, as consultas da Diretoria;

b) atender os associados, encaminhados pela Diretoria, sobre assuntos trabalhistas;

c) as atividades deveriam ser desenvolvidas na sede da Associação ou em locais por ela indicados;

d) estar presente às reuniões da Diretoria e Assembléia Geral, dando parecer quando for consultado;

e) interar-se de qualquer ato da Diretoria e opinar sobre os mesmos;

f) presidir inquéritos instaurados no seio da Associação;

g) informar a Diretoria sobre a legislação trabalhista;

h) cooperar junto às autoridades e empregadores, pelo engrandecimento da Associação.

Estas foram as bases da organização assistencial do setor jurídico; as transformações que esta veio a sofrer posteriormente, foram por sugestão da própria Consultoria Jurídica.

Os associados seriam atendidos mediante a apresentação de um cartão especial, fornecido pela Secretaria da Associação.

#### Assistência Médica

Instalada em 1941, sob a chefia do médico Dr. Oswaldo Neves Espíndola, com a cooperação do Dr. Raymundo Fontes Lima. Como a Associação Profissional não possuía sede própria, este tipo de atendimento era feito no próprio consultório médico.

Funcionava da seguinte maneira:

a) o atendimento era feito ao associado e aos seus familiares, isto é, marido, mulher, pai, mãe e filhos não empregados na indústria de fiação e tecelagem;

b) para o associado, os serviços médicos no consultório eram gratuitos, pagavam a metade da consulta;

c) os seus parentes, não associados quem necessitasse deste tipo de assistência, deveria estar munido

de um cartão, fornecido pela secretaria da Associação, mediante a cartela profissional e o talão de mensalidade do último mês que deveria estar devidamente quitado;

d) a secretaria da Associação atenderia aos parentes dos associados, mediante uma declaração por escrito do delegado da fábrica onde trabalhava o associado. Nesta declaração deveria constar: o nome do associado, o grau de parentesco e o nome do enfermo;

e) as consultas a domicilio seriam feitas com um abatimento de 50% do preço normal.

Para termos uma idéia deste tipo de assistência, registramos os atendimentos médicos do mês de setembro do ano de sua instalação, 1941; os quais foram em número de doze, ao passo que no mês seguinte, foram registrados vinte e um atendimentos.

#### Assistência Farmacêutica

Em 1941, junto com a Assistência Médica, iniciou também a Assistência Farmacêutica.

A farmácia abalizada pela Associação Profissional foi a Farmácia Minerva.

O procedimento era o seguinte: o associado pagaria 80% das despesas farmacêuticas, logo teria um abatimento de 20% de maneira geral.

Ainda ficou estipulado que os remédios feitos na farmácia teriam o desconto de 20%, enquanto os que já se encontravam prontos, teriam desconto de 10%. Os parentes dos associados, devidamente comprovados, gozavam do mesmo desconto de 20% na compra dos remédios.

Estas contas ou seriam descontadas em folha de pagamento, ou o associado poderia saldá-las diretamente com o delegado da fábrica na qual trabalhava.

Em algumas circunstâncias, em que o operário não tivesse a quantia necessária para o pagamento dos medicamentos, deveria trazer uma ordem do patrão; mediante a qual a secretaria da Associação ficaria responsável pela conta na farmácia.

A 13 de novembro de 1941, as farmácias da praça de Blumenau, através da "União dos Farmacêuticos do Vale do Itajaí", resolveram conceder um

desconto de 10% sobre as despesas contidas nas receitas; mediante cartão ou receiptário especial da Associação Profissional. Declaravam também que a partir daquela data, ficavam suspensos os 20% de desconto concedidos à A.P.T.I.F.T.B., pela Farmácia Miner-va.

Porém, o desconto do qual o associado usufruía na farmácia sobre as despesas advindas das prescrições médicas, continuou sendo de 20%.

### Assistência Hospitalar

Através do departamento médico, iniciou-se a 30 de setembro de 1941, o atendimento hospitalar e de maternidade para os associados.

O contrato foi realizado com o Hospital Santa Catarina e a maternidade contratada chamava-se Johanes-tift.

Este tipo de atendimento era facultado ao associado ou a qualquer membro de sua família, no qual ele teria um desconto de 20%, desde que se apresentasse à secretaria da Associação. As internações ou tratamentos hospitalares deveriam ser encaminhados pelo Departamento Médico da Associação.

Este tipo de despesa também seria descontado em folha de pagamento, ou poderia ser saldado diretamente com o delegado da fábrica.

Em março de 1942 passou a ser exigido o uso de uma carteira de "identidade de sócio" para os operários, mediante a qual eles seriam atendidos pela secretaria da Associação, pelo médico e pelo hospital.

### Serviço Social

O serviço social foi criado em 1º de julho de 1942, obedecendo a "determinação do Sr. Delegado Regional do M. do Trabalho e também influenciado pelo Sr. Comandante do 32º. Batalhão de Caçadores.

Considerando a necessidade de organizar o nosso serviço social com moldes nacionalistas, em cooperação com as autoridades competentes"... 2

O auxiliar do Serviço Social seria

eleito em cada Delegacia da seguinte forma: homens e mulheres separadamente, divididos em grupos de 10, e-legeriam um encarregado que deveria possuir nacionalidade brasileira, ser maior de 20 anos e ter profissão definida. Ele seria nomeado pelo respectivo delegado.

Os principais deveres do auxiliar do Serviço Social eram:

a) manter contatos com os Delegados e boa ligação com os patrões, a fim de auxiliá-los para manter a disciplina, doutrinar o pessoal para o bom andamento do trabalho e conciliar as questões recentes e futuras;

b) observar o cumprimento das instruções e do regulamento interno da associação;

c) manter contato cordial com os patrões, delegados e associados.

Existia uma severa orientação no sentido de não atrapalhar, de modo algum, o andamento das atividades nas fábricas.

Orientavam também os Delegados, no sentido de utilizar-se deste serviço, para: comunicar as instruções, ordens vindas dos patrões, que poderiam servir-se desta organização para aumentar a produção das fábricas e manter a disciplina.

O Serviço Social tinha o seguinte objetivo:

a) fazer cumprir o Regulamento Interno das Delegacias, bem como as Instruções;

b) observar as relações entre Delegados e patrões;

c) "Auxílio no cumprimento das determinações das autoridades competentes, Ministério do Trabalho, Ministério da Guerra, Prefeitura, Polícia e Segurança Pública". 3

d) Facilitar as relações da Associação Profissional com os patrões, visando um bom atendimento.

Estes tipos de assistência foram criados e prestaram seus benefícios durante a década de 40.

Após 1950, eles foram ampliados. Tomemos como exemplo a construção de uma farmácia na própria sede da Associação Profissional, dirigida por um farmacêutico, contando ainda com um consultório médico e dentário, instalados na própria sede: barbearias,

2 SCHUBERT, J. Jr. Regulamento do Serviço Social 1º.07 48.

3 Ibid.

curso de orientação sindical, curso de orientação trabalhista e curso de alfabetização para adultos.

Consideramos que os serviços assistenciais prestados pela Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, atendeu a dois objetivos primordiais:

1º.) atrair novas inscrições para a associação; em 25 de setembro de 1941, estavam registrados mais de 1500 associados entre homens e mulheres, oriundos de nove fábricas de fiação e tecelagem do município de Blumenau;

2º) atender às diferentes necessidades assistenciais do operário inscrito nesta incipiente organização.

### Conclusão

A primeira fábrica de tecido de algodão surge no município de Blumenau trinta anos após sua fundação, absorvendo uma mão de obra de origem estrangeira principalmente alemã.

Estes operários, oriundos da Europa, onde já existiam movimentos bem fortes no sentido de organização de classe, aqui aceitavam as dádivas advindas dos proprietários das indústrias, sem iniciativa própria para organizarem-se em associações representativas de sua categoria.

O surgimento da Associação Profissional, em 1941, vem mais preencher a orientação e exigência do Governo Federal, através do Ministério do Trabalho, do que significar a conquista dos anseios de uma classe.

A ação social desta Associação servia igualmente aos interesses do patrão como do operário. Ela foi constantemente utilizada inicialmente para atrair o trabalhador para dentro da sua própria associação de classe, o que nos leva a crer que ele não se identificava realmente com ela.

O serviço social teve uma ação, segundo os objetivos propostos, controladora e até repressora de todo movimento operário que por ventura surgisse.

Acreditamos, porém, que a assistência médica, bem como a farmacêutica e hospitalar, trouxe real benefício e até certa segurança ao operário

associado do Sindicato, neste período por nós analisado 1941 a 1950.

### Bibliografia

BLUMENAU. Comissão de Festejos do Centenário. **Centenário de Blumenau** Blumenau 1950.

CARONE, Edgard. **O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)**. São Paulo, DIFEL, 1979.

Circular nº. 8 de 6.09.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

Circular nº. 19 de 7.10.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

Comunicado nº. 2 de 16.06.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

Comunicado nº. 3 de 19.06.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva Caixa STIFTB.

DIAS, Maria de Fátima Salino. **Sindicalismo e Estado corporativista: o caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau 1941 — 1950**. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. U.F.S.C. Florianópolis 1985.

DIAS, Everaldo. **História das Lutas Sociais no Brasil**.

2a. ed. São Paulo. Alfa-Omega. 1977.

HAUFE, Walter — carta em nome da União de Pharmaceuticos do Valle do Itajay, 13.11.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

Instrução nº. 5 de 16.06.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

Instrução nº. 14 de 10.09.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Caixa STIFTB.

Instrução nº. 18 de 20.09.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Caixa STIFTB.

Instrução nº. 21 de 10.11.41. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Caixa STIFTB.

Instrução nº. 23 de 10.03.42. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Caixa STIFTB.

LOWY, Michael colab. **Movimento Operário Brasileiro (1900/1979)**. Belo Horizonte M.G. Vega S/A 1980.

LUZ, Guilherme Gonçalves da — **Regimento Interno da "Consultoria Jurídica"**. Blumenau 18.07.41. Arquivo

Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

MORAES FILHO, Evaristo de — **O Problema do Sindicato Único no Brasil**. São Paulo. Alfa Omega 1952.

Ref. Benefício Enfermidade . . . . . 16.02.42. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

SCHUBERT, J. — **Regulamento do Serviço Social** Blumenau, 1º.07.42.

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

SCHUBERT, J. — **Regulamento do Serviço Social** Blumenau, 10.07.42.

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa STIFTB.

SILVA, José Ferreira da **História de Blumenau** Florianópolis. Edeme. 1972.

---

## Aconteceu...

Agosto de 1989

---

DIA 1º. — Ao reassumir o cargo de prefeito de Blumenau, após alguns dias de licença, o Sr. Vilson Pedro Kleinubing fez alterações, concedendo ao vice-Victor Fernando Sasse de assumir definitivamente suas reais funções para melhor poder auxiliá-lo nos trabalhos administrativos, enquanto que o advogado Mércio Felsky, que até então era Assessor Jurídico, passou para as funções de Secretário de Finanças.

\* \* \*

DIA 1º. — De acordo com o noticiário da imprensa (JDC), a Escola de Enfermagem de Blumenau comemora, no mês de agosto seus trinta anos de atividades constantes, tendo durante este período, formado nada menos do que 31 turmas de enfermeiras-auxiliares, num total de 735 profissionais, com largos benefícios, portanto, ao serviço de enfermagem aos hospitais não só de Blumenau mas de toda a região do Vale do Itajaí.

\* \* \*

DIA 2 — Repercutiu grandemente em Blumenau, como em todo o resto do país, o falecimento, neste dia, do aplaudido artista Luiz (Lua) Gonzaga), muito conhecido como o Rei do Baião. Seus sucessos atravessaram todos os anos de sua vida, que durou 76 anos, tendo como uma de suas obras mais conhecidas, um verdadeiro hino as agruras de seu nordeste, a peça musical "Asa Branca".

\* \* \*

DIA 3 — No Pavilhão de Exposições em frente à igreja de Brusque, ou seja, na Praça Barão de Schreeburg, foi lançado, às 16 horas, com concorridíssima presença, o livro da aplaudida e destacada

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

historiadora brusquense Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, intitulado "Raízes Polonesas em Brusque", com cuja obra, a autora pereniza a memória histórica de sua cidade, no que concerne à colonização polonesa em sua cidade.

\* \* \*

DIA 4 — Considerada como obra importantíssima no atendimento à população, foi inaugurada uma bem servida Central de Ambulâncias anexo ao Hospital Santo Antônio, que, assim, com um maior número de veículos, passou a atender com mais rapidez e eficiência casos de urgência, entre acidentes e mesmo domiciliares.

\* \* \*

DIA 7 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se, numa promoção da Secretaria de Turismo da Prefeitura, Pró-Música de Blumenau, Escola Superior de Música e o Teatro Carlos Gomes, o concerto PALLADIO-ENSEMBLE, que incluiu composições dos séculos XVII e XVIII, bem como trabalhos de compositores contemporâneos.

\* \* \*

DIA 7 — Estatísticas levantadas na Fundação "Casa Dr. Blumenau", indicam que, durante o mês de agosto, as obras mais procuradas na Biblioteca, para empréstimos, foram de generalidades e ficção. Houve um total de 587 empréstimos e 1.408 consultas, fato que vem aumentando consideravelmente de mês para mês, a partir do ano passado.

\* \* \*

DIA 13 — A partir deste dia, Blumenau sofreu uma série de alterações no seu sistema viário do centro, esperando as autoridades encarregadas destas alterações, que tudo vai melhorar sensivelmente. Pelos esquemas e mapas elaborados, aliás, tem-se a convicção de que muita coisa haverá de melhorar, oferecendo facilidades não só aos motoristas como também aos pedestres que até aqui têm sido os mais sacrificados.

\* \* \*

DIA 15 — Relatório do Diretor do Departamento de Agricultura da Prefeitura indica que foram concluídos os trabalhos de recuperação dos tanques no setor de piscicultura, para a criação de alevinos, em número de sete. Indica ainda que no setor de Suinocultura, em I-toupava Rega, foram entregues 32 reprodutores das raças Durox, Landrace e Large White a 16 criadores de suínos. No Departamento de Agricultura, no mês de julho, os dados apontam o fornecimento a entidades assistenciais de 2.443 quilos de hortaliças e frutas, além de

aipim, batata doce, banana, beterraba, brócoli, cenoura, couve-flor, repolho e chuchu, além de 342 cabeças de alface. Foram fornecidas ainda 2.500 mudas de alface e outras hortaliças. Os microtratores do mesmo Departamento realizaram 1.161 horas de serviço de aração, gradeação e roçada, em 262 propriedades agrícolas do município, além do atendimento a 939 animais domésticos, com atenções clínicas e vacinações em 516 propriedades. Foram ainda inseminadas 165 vacas com sêmen de reprodutores das raças Jersey, Holandês, Gir, Nelore e Tabapuan, durante o mês de julho.

\* \* \*

DIA 15 — Realizada pelo Clube de Ciências "Louis Pasteur", foi promovida uma exposição de fotos e relatos sobre a Primeira Expedição Científica Estudantil realizada em janeiro deste ano, no Estado de Mato Grosso do Sul. A promoção foi um sucesso. O evento deu-se no Salão Nobre do Colégio Santo Antônio.

\* \* \*

DIA 18 — No Plaza Hering Hotel, realizou-se um dos acontecimentos mais importantes no setor da medicina: a IV Jornada Catarinense de Ortopedia e Traumatologia, com numerosa presença.

\* \* \*

DIA 20 — Com grande sucesso foi realizado o 18º. Encontro Blumenauense de Atiradores, com a competição de tiro realizada no Clube Blumenauense de Caça e Tiro, da qual compareceram 32 clubes. Este foi a primeira etapa.

\* \* \*

DIA 22 — Por um renomado Grupo de Danças da Alemanha, foi realizado, na sede do Centro Cultural 25 de Julho, o espetáculo de Danças Folclóricas denominado "Tanz Und Speeldeel Ihna de Erlangen". As peças apresentadas denominavam-se: Dança do Chicote, Dança do Diabo, Dança da Vassoura, Dança da Colheita, Dança das Espadas e um pot-pourri de danças.

\* \* \*

DIA 26 — No gabinete do prefeito municipal, realizou-se a solenidade de entrega, por parte do Banco BRADESCO, através de um de seus diretores, sr. Sergio Socha, um cheque no valor de 250.000,00 e outro do mesmo valor, num total de 500.000,00 (quinhentos mil cruzados novos), sendo um do Banco Bradesco S/A, e o outro do mesmo

Banco no seu Setor de Investimentos. O cheque entregue ao prefeito Kleinubing, foi logo transferido para o jornalista José Gonçalves, diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau", através da qual, pelos benefícios da Lei Sarney, serão repassados posteriormente todos os valores dos custos da obra que será a restauração da ponte ferroviária considerada hoje um patrimônio histórico do município.

\* \* \*

DIA 26 — Na sede do Centro Cultural 25 de Julho aconteceu um dos mais belos e importantes movimentos artísticos: A abertura do Quarto Congresso de Cítaras do Brasil, com a realização de um impressionante e Grande Concerto de Cítaras que fez lotar a platéia da sociedade.

\* \* \*

DIA 24 — O prefeito Vilson Kleinubing abriu oficialmente, em solenidade realizada com a presença de numeroso público, o 12º. Festival Universitário da Canção.

\* \* \*

DIA 25 — No Complexo do SESI e promovido pela Secretaria de Educação da Prefeitura, realizou-se a abertura do 1º. Festival Estudantil Municipal de Folclore, reunindo representações da rede municipal de ensino.

## **RBS homenageia os amigos da Comunidade, edição 1989**

Em concorrida festividade que teve como local o Tabajara Tênis Clube, a Direção da Rede Brasil Sul de Comunicações, prestou significativas homenagens a pessoas que foram escolhidas por terem se destacado, durante o ano, como amigos da Comunidade em todo o Estado catarinense, oferecendo-lhes o magnífico troféu alusivo ao fato.

Os homenageados foram: ACAFE, que é a Associação Catarinense de Fundações Educacionais, Agenor Neves Marques, Alfredo Daura Jorge (já falecido), cujo troféu foi entregue à sua esposa Antônio Carlos Konder Reis, Ari Luiz Bonanese, Benedito Rocha, a Comissão Municipal de Esportes de Blumenau, Fritz Plaumann, Grupo Empresarial Tupy, de Joinville, José Acácio Santana, José Liberato Souto Maior, Ulla Werner e o aplaudido artista-pintor Willy Zumblick.

A festividade incluiu um aprimorado jantar, tendo havido um dos climas mais agradáveis de confraternização social dos últimos tempos.

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering  
BLUMENAU - SANTA CATARINA